

JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 1 1957 AUTOR: _____

TÍTULO: FIGURAS

ASSUNTO: Debates no atelier de Darel acerca da Escola de Ulm. - Ivan Serpa um dos debatedores.

FIGURAS

HA UMA ESPINHA

No encontro marcado no atelier de Darel para uma conversa sobre a Escola de Ulm, estiveram presentes, entre outros, Ivan Serpa, Sérgio Camargo, Kracjberg, Vera Tormenta, Darel e Ângela Maria, que começou explicando o que era a Escola Superior da Forma.

Depois a palestra se estendeu mais com perguntas formuladas pelos presentes. Um dos pontos do debate foi a vantagem de se entregar a oficina gráfica do Museu de Arte Moderna (que já comprou na Alemanha máquinas moderníssimas) a um grupo vindo de Ulm. Ivan Serpa defendeu a tese de que tudo o que nos falta são máquinas: aqui nos

arranjaremos quanto ao resto. Citou o caso da moderna arquitetura brasileira, que é hoje considerada no mundo inteiro. Ângela Maria acredita que a vinda do pessoal de Ulm será de importância para o desenvolvimento de nossos artistas, particularmente no setor das artes gráficas. Nesse setor, tudo o que há no Brasil, por ora, são improvisos, às vezes bem sucedidos, observou a jovem. Ao fim da conversa, Darel declarou estar disposto a ir a Ulm, mas que ainda há "uma espinha a espremer". O artista pretende espremer essa espinha na Escola Superior da Forma.

SEM PREVENÇÃO

Enquanto Ivan Serpa, pintor concreto, afirma que não irá a Ulm, Darel, gravador figurativo, diz que irá. Depois dos contatos que teve com a moça Ângela Maria, que fez o curso de artes gráficas da Escola Superior da Forma, de Ulm Darel assevera não ter mais as prevenções que tinha contra a tal falada escola de arte alemã, dirigida até bem pouco tempo por Max Bill. "Pensei que fosse uma curriola de gênios, mas vejo agora que se trata de gente modesta, que quer aprender" — diz o gravador, prêmio de viagem do último Salão Moderno.

AGORA, O INFINITO

Surgiu, no Rio, um novo "ismo" plástico: o "infinatismo". Diz o pintor Romani, "papa" da mais tenra escola pictórica brasileira: "Trata-se de uma superação do concretismo". O artista não explica bem os fundamentos teóricos do movimento, e diz que teoria não importa — no que estamos de perfeito acordo com ele. Interrogado sobre a diferença existente entre a sua escola e as já existentes, diz o Sr. Romani que a sua "é uma fusão de todas", característica fundamen-

tal do "infinatismo": riqueza de planos e sobriedade de composição. Tudo, certamente, elevado ao infinito. Esse negócio de concretismo já estava demorando muito...

DEBATE CULTURAL

Aplaudimos a iniciativa da Ação Católica propondo ao público temas da cultura brasileira, para serem debatidos por "valores de nossa literatura". É de estranhar, no entanto, que, trazendo à baila assuntos como teatro, ficção, poesia, crônica, suplementos e revistas literárias, além do debate geral sobre cultura brasileira, não inclua em tão amplo programa a pintura e a música — se é que nos devenos ater ao campo restrito da arte. Embora pouco mais que nada entenda eu de música, creio poder afirmar, que a música e a pintura ocupam, no cenário cultural brasileiro, um lugar bem mais importante que a crônica e o teatro, pelo menos. Já é tempo de deixarmos de tomar "cultura" como sinônimo de produção literária.

NU

Exposição "O nu na arte", organizada pelo Museu Nacional de Belas Artes, está despertando o interesse dos homens das mais variadas classes sociais e de mais diversas idades. Aliás, a exposição não justifica interesse de outra ordem, que não esse do motivo, uma vez que seu nível geral é mediocre: afora um quadro de Eliseu Visconti e um ou outro mais, o resto é academia gelada ou embromação. O Sr. Oswaldo Teixeira, como diretor do MNBA, comparece com vários trabalhos, cada qual pior. Pode-se dizer, com alguma dúvida, que um de seus "nus" (um de joelhos vermelhos) é o mais mediocre de quantos ali se expõem, para a saciedade de certos impulsos proibidos.

"Galope", J. Villon, 1921

